

O MÉTODO GNOSIOLÓGICO DE HUSSERL COMO INSPIRAÇÃO PARA A CONDUÇÃO DE ENTREVISTAS: CONTRIBUIÇÕES CONCEITUAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS QUALITATIVAS DE ORIENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA

Giovanna Pereira Ottoni - USP

Cristiano Roque Antunes Barreira – USP

Resumo

A investigação se cumpre num estudo preliminar de conceitos da fenomenologia de Husserl, direcionando-os a pesquisas inspiradas no método e que se valham de entrevistas. A elaboração do trabalho teve como foco evidenciar a originalidade do método proposto por seu fundador, tanto no âmbito epistemológico em voga precisamente em sua época, quanto no que se refere ao cenário científico atual; explicitar, a partir da elaboração de questões em uma pesquisa empírica determinada, conceitos fundantes para esta tarefa segundo critérios relativos a uma pesquisa com esse teor; e, por fim, elucidar sua potencial contribuição ao desenvolvimento de pesquisas qualitativas de orientação fenomenológica, apontando seu espaço de construção de conhecimento na área pertencente às ciências humanas.

Palavras-chave: fenomenologia, entrevistas, pesquisa qualitativa

Abstract

The investigation is accomplished in a preliminary study of concepts of the phenomenology of Husserl, directing them to researches inspired in the method and that make use of interviews. The elaboration of the work was focused on evidencing the originality of the method proposed by its founder, either in the current epistemological ambit of his times, as in what refers to the present scientific scene; explicit, from the elaboration of questions in a determined empirical research, founding concepts for this task according to criteria related to a research with such meaning; and, eventually, elucidate its potential contribution to the development of qualitative researches of phenomenological orientation, pointing out its space of knowledge construction in the area belonged to the human sciences.

Keywords: phenomenology, interviews, qualitative research.

INTRODUÇÃO

Remontando-se brevemente à gênese histórica do método fenomenológico, encontram-se no período de 1913 a 1916, momentos cruciais da vida intelectual de seu fundador¹, que o levaram a uma revisão crítica que culminou, por sua vez, em um aprofundamento de sua crítica ao conhecimento (Ales Bello, 2000). Foi justamente em 1913 a publicação de *Idéias para uma*

¹ Edmund Gustav Albrecht Husserl (Proßnitz, 8 de Abril de 1859 — Friburgo, 26 de Abril de 1938) matemático e filósofo alemão fundador da Fenomenologia.

*fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*², cuja definição da fenomenologia como ciência das essências se firma (Ales Bello, 2000; Husserl, 2006). Será especificamente sobre parte dessa obra que a investigação pretende focar sua atenção, aprofundando-a em um estudo preliminar de conceitos nela apresentados, voltando-os cuidadosamente para as finalidades que guiam pesquisas pautadas na fenomenologia clássica que se valham de entrevistas. Nisto, portanto, consiste a elaboração dos próximos parágrafos: em expor a originalidade do método proposto por Husserl tanto no âmbito epistemológico em voga precisamente em sua época e no que se refere ao cenário científico atual; em explicitar, a partir da elaboração de questões em uma pesquisa empírica determinada, conceitos fundantes para esta tarefa segundo critérios relativos a uma pesquisa com esse teor; e, por fim, elucidar sua potencial contribuição ao desenvolvimento de pesquisas qualitativas de orientação fenomenológica, apontando seu espaço de construção de conhecimento na área pertencente às ciências humanas.

Husserl, ao buscar a formulação de uma ciência essencialmente nova, de uma ciência fundamental da filosofia, se detém no panorama científico vigente e coloca sua posição como uma “orientação inteiramente outra, pela qual se modifica, de determinada maneira, o sentido de fenômeno que encontramos nas ciências já nossas velhas conhecidas” (Husserl, 2006, p. 25). É nesse ponto que ele lança sua crítica radical para a construção do conhecimento cuja *orientação fenomenológica* surge como condição de retorno às coisas mesmas e exige, para tanto, “colocar fora de circuito todos os atuais hábitos de pensar, reconhecer e pôr abaixo as barreiras espirituais com que eles restringem o horizonte de nosso pensar” (ibid, p.27) para que, na atitude imprescindível desta gnosiologia, sejam apreendidos, “em plena liberdade de pensamento, os autênticos problemas filosóficos que deverão ser postos de maneira inteiramente nova e que somente se tornarão acessíveis num horizonte totalmente desobstruído” (ibid). Exigências que ele mesmo reconhece como duras, mas que compõem a base desta nova orientação – e por esse motivo, são expostas logo na introdução deste estudo.

Husserl enfatiza o desafio:

O que, com efeito, torna tão extraordinariamente difícil a assimilação da essência da fenomenologia, a compreensão do sentido peculiar de sua problemática e de sua relação com todas as outras ciências (e em especial com a psicologia) é que, além de tudo isso, é necessária uma nova *maneira de se orientar, inteiramente diferente* da orientação natural na experiência e no pensar. (2006, p. 27)

Diferente das *Ciências Naturais*³, a *fenomenologia transcendental* não está fundada como ciência de fatos, mas como já mencionado, trata-se de uma ciência de essências – como ciência “*eidética*” (Husserl, 2006, pp. 28 -29). Nesse sentido Husserl responde, conforme elucidada Ales Bello (2000), ao empirismo e ao idealismo, visto que o primeiro proporciona com a experiência direta apenas aspectos particulares e nenhuma generalidade; e o segundo, afirma um pensamento puro, *a priori*, sem reconhecer a visão da essência (p. 38). Husserl propõe, assim, uma pesquisa que começa de baixo (*von unten*) e se opõe àquelas teorias construídas partindo de cima (*von oben*) (ibid). Também é uma constatação diante da mentalidade positivista, indo de encontro a ela ao comprovar em seus escritos a existência de uma *intencionalidade* que está além da mera factualidade do mundo. Ao procurar uma realidade concreta, afirma Ales Bello (2000), o positivismo se fecha numa afirmação acrítica incapaz de captar o “sentido” do que existe (p.42). Acerca do confronto com a dúvida cartesiana, a fenomenóloga conclui o ponto de chegada das reflexões de Husserl: “nos iludimos de ter o poder de negar, mas a realidade está sempre aí, pronta a reivindicar a sua presença (ibid, p. 42).”

² Husserl, E. (2006) *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. (M. Suzuki, Trad.). Aparecida, SP: Idéias e Letras (Original em alemão publicado em 1913).

³ Sinteticamente, pode-se dizer que estas estabelecem relações espaço-temporais de causa-efeito.

Nota-se que a proposta husserliana é a de saída da simples existência, da universalidade fática (“empírica”) dos fenômenos, para a universalidade de “essência”, o que é possível através da *redução eidética* (Husserl, 2006). A redução transcendental aparecerá como segundo passo no cumprimento de uma fenomenologia pura, porém, o intuito agora é apenas explicitar desde já o caminho, o método que conduz cada etapa, introduzindo suas peculiaridades em relação a outras abordagens. Feito isso, fica mais claro compreender os passos traçados para uma pesquisa com este tipo de orientação. Estes conceitos serão retomados e aprofundados adiante, por ora é interessante apenas constatar a novidade do percurso inaugurado por Husserl na construção do conhecimento.

É, pois, nessa novidade que está a relevância do presente recorte e sua articulação – objeto – na investigação que, conforme sucintamente indicado acima, tem o objetivo de elucidar conceitos fundamentais para a condução de entrevistas, retirados da obra apresentada como referência, visando contribuir com o desenvolvimento de pesquisas qualitativas de orientação fenomenológica. Para isso, os procedimentos realizados sob o mesmo crivo conceitual e metodológico de outra pesquisa – desde o posicionamento tomado para a formulação das questões norteadoras da entrevista até o modo de condução ao ser realizada – foram tomados como exemplo ilustrativo. Sabe-se que a realização de entrevistas é um procedimento muito comum em pesquisas de cunho fenomenológico por permitirem um acesso *mediato*⁴ à experiência vivida. Ainda, por ser uma etapa determinante para o desenvolvimento dos passos seguintes dentro do método, à coleta efetiva dos dados neste tipo de pesquisa deve suceder uma rigorosa compreensão metodológica a fim de explorar as possibilidades eidéticas do fenômeno de forma clara e, de fato, fenomenológica. Seria, por fim, uma busca para dar voz aos cuidados de seu próprio fundador:

Uma vez que aqui a fenomenologia deve ser fundada como uma ciência da essência – uma ciência “a priori” ou, como também dizemos, uma ciência eidética, é útil fazer todos os esforços consagrados à própria fenomenologia serem precedidos de uma série de discussões fundamentais sobre essência e ciência de essência e de uma defesa da legitimidade original própria do conhecimento eidético diante do naturalismo (Husserl, 2006, p. 29).

OBJETIVO

Cumprir um estudo preliminar e aprofundado de conceitos tomados como essenciais na condução de entrevistas e pertencentes ao método gnosiológico de Husserl, utilizando o exemplo específico de uma pesquisa determinada a fim de explicitar passagens procedimentais analíticas inerentes ao desenvolvimento de pesquisas qualitativas de orientação fenomenológica.

FUNDAMENTAÇÃO DO MÉTODO HUSSERLIANO

O procedimento aqui adotado consistiu na retomada dos princípios e conceitos fundamentais da fenomenologia clássica como método gnosiológico sob o enfoque do interesse em tomá-los e elucidá-los enquanto recursos para a possibilidade de elaborar, conduzir e realizar entrevistas. Portanto, isto corresponde a uma espécie de transposição do processo de *variação* e *redução* próprios à filosofia fenomenológica para a intencionalidade presente no momento

⁴ Segundo Husserl, “é sabido que toda fundação mediata remete a fundação imediata (2006, p. 313).” Esta idéia tende a ficar clara no desenvolvimento do trabalho, para maiores esclarecimentos quanto à contextualização dada pelo filósofo acerca da questão indica-se § 141, pp. 113-115.

dialógico próprio à entrevista sobre um tema a fim de reconduzi-lo à sua experiência vivencial constitutiva.

A entrevista é o momento onde a orientação fenomenológica e a orientação natural, compreendida em sentido amplo, alternam-se em um movimento de ininterrupto vai-e-vem. No entanto, para adentrar no modo como tal movimento se dá, será preciso um entendimento anterior indispensável, pois, como coloca Husserl (2006), “sem ter apreendido o que é próprio à orientação fenomenológica e ter efetivamente conquistado o solo fenomenológico puro, se pode certamente empregar a palavra ‘fenomenologia’, só que não se possui a coisa” (p. 201). É no esforço de elucidar esta condição primeira que o estudo se detém aqui. Sabe-se ser impossível exaurir esta conceituação da forma que lhe é apropriada, contemplando-a integralmente nesta investigação que, como já mencionado, é preliminar, mas o que se pretende é lançar, ainda que sinteticamente, conceitos-chave para cumprir o objetivo já delimitado.

A *intencionalidade* em Husserl está referida a uma consciência que é sempre consciência ‘de’, orientada ‘para’, movimentada ‘em direção a’. Tem-se a todo instante uma coisa qualquer que pode ser apreendida em sua qualidade fenomênica imprescindível. A orientação fenomenológica, como descreve Ales Bello (2000), torna “possível, proveitosamente colocar entre parênteses o tema da existência, que continua subsistindo nos parênteses com toda a sua vigência, para dirigir a atenção sobre a questão da essência” (p. 42). Ela acrescenta uma consideração fundamental para a reflexão acerca do movimento do pesquisador e também do próprio entrevistado, guiado nesta postura que o coloca como sujeito cognoscente:

com relação a este eu, pode ser posto entre parênteses somente aquilo que concerne à sua atitude psicológica, isto é, o homem real como objeto real, mas o que permanece essencialmente, em nome da possibilidade de captar a essência, é a “consciência” pura, o eu puro, com as suas puras experiências vivenciais (*Erlebnisse*). (p.43)

A superação da postura natural, portanto um exame feito de modo essencial, permite a partir da mais simples experiência do sujeito, “captar a distinção entre o ato de perceber e o que é percebido, isto é, entre a *noese* e o *noema*” (Ales Bello, 2000, p.44); ou ainda, nas palavras de Husserl (2006), “entre *componentes próprios* dos vividos intencionais e seus *correlatos intencionais*” (pp. 202-203). Este mundo pode se apresentar em seu conteúdo real, a partir de vividos que se dão em uma relação real, isto é, subsistindo realmente, e podem estar por essa razão, submetidos a *uma análise real*, onde o vivido será tratado como outro objeto qualquer, “perguntando por suas partes ou momentos dependentes que o constroem realmente” (Husserl, 2006, p. 203). Seria este nível aquele referente à orientação natural, quando o objeto é tomado como existente na efetividade espacial transcendente. Já o outro nível é a apreensão não de um dado existente, mas de um dado intencional, isto é, interrompe-se a relação real para adentrar na esfera fenomenológica do vivido, buscando chegar ao ponto final que corresponde ao que denomina-se **fenomenologia pura**, ou seja, “em uma relação que entra na condição de dado eidético em ‘pura imanência’, a saber, puramente com base no vivido reduzido, tal como se insere no fluxo transcendental de vividos” (Husserl, pp. 204-205). A orientação fenomenológica ocupa-se precisamente com o noema, com o “*conteúdo noemático*” correlativo presente nos múltiplos dados do conteúdo real (ibid, p. 203). Este foi o ponto crucial da impoção de Husserl que permitiu a ressalva importante feita por Ales Bello diante da fenomenologia apresentada como teoria do conhecimento (*Erkenntnistheorie*):

na verdade, não se deve acreditar realmente tratar-se apenas de uma proposta teórica, pois, o método nasce através da investigação concreta, tendo como seu único pressuposto a aderência àquilo que se apresenta essencialmente, isto é, originariamente. (2000, p. 49)

Para a orientação que Husserl designou como *totalmente outra*, em tudo é preciso tomar o correlato noemático, o que de forma ampliada chamou-se “sentido”, “*exatamente assim* como ele está contido de maneira “imane” no vivido de algo (...), isto é, tal como nos é oferecido por ele, *se interrogamos puramente esse vivido mesmo*” (Husserl, 2006, p. 204). É essa atitude, implicada nesse sentido também como nova, que o entrevistador deve assumir e é sobre ela que os resultados se debruçam.

O MÉTODO GNOSIOLÓGICO PARA A CONDUÇÃO DE ENTREVISTA

O uso do exemplo da formulação de questões para um pesquisa determinada foi o modo escolhido para mostrar que a *condução de entrevistas* é pressuposta por esclarecimentos oriundos de um *vai e vem* entre a pontuação de um interesse de pesquisa – tema –; o recorte fenomenológico que permite sua elucidação, opondo-se, portanto, aos recortes causais que buscam determinações (o que poderia ser entendido, *grosso modo*, como a ‘influência disso naquilo’); e a articulação desse recorte – objeto – com momentos essenciais (passado, presente, futuro) da experiência vivida, considerando fundamentalmente seu caráter próprio que, nesse caso da pesquisa utilizada, foi ‘lesão em atletas de alto-rendimento’.

Tais pressupostos são anteriores à suspensão durante a *epochè*, visto tratarem justamente da clareza metodológica que vinha sendo foco de atenção nas passagens precedentes, sendo, portanto, condição para uma entrevista deste tipo. Este *vai-e-vem* acontece como será visto, a partir da possibilidade de atestação racional dos objetos efetivos, quando por sua vez, se pretendeu falar pura e diretamente de objetos. Husserl, em sua fenomenologia da razão aprofunda esta postura e a conceitua passo a passo. Seu intuito é comprovar que “em tudo o que se diga dos objetos – se o dizemos racionalmente –, o enunciado tal qual é o visado se deixa “*fundar*”, “*atestar*”, se deixa “*ver*” diretamente ou “*evidenciar*” mediatamente (2006, p. 303).” Essa atestação racional, dirá Husserl, é aquilo em que a *consciência racional* consiste, e não deve ser entendida como possibilidade empírica, mas como possibilidade “ideal”, ou seja, como possibilidade de essência (ibid). Isto quer dizer que embora se trate de objetos existentes, é a intuição eidética, ou seja, essencial, que guia essa atestação e não uma análise real, como é sempre prudente insistir.

O EXEMPLO DA ELABORAÇÃO DE QUESTÕES PARA OUTRO ESTUDO

Formadas as pontuações metodológicas fundamentais relativas ao momento visado, é possível adentrar na primeira etapa do procedimento da entrevista: estabelecer as questões norteadoras. A ilustração desse estabelecimento se dá a partir de uma pesquisa que tematiza desdobramentos da experiência de dor em atletas lesionados.

As reflexões primeiras do estudo usado como exemplo, tiveram como intuito fundamental reconhecer dentro dos contornos da pesquisa empírica, as possibilidades eidéticas da **experiência de dor** em dois diferentes momentos identificados nos primeiros relatos dos sujeitos: logo que ocorreu a lesão e já no final do tratamento. Isso significou tomar nota de diferentes temporalidades do vivido, tanto cronológicas como psicológicas, o que só foi possível partindo-se de análises precedentes que evidenciaram tais momentos distintos acerca da experiência vivida por atletas lesionados que tinham sido afastados da prática e tiveram seus projetos existenciais interrompidos. Foi essa, portanto, uma primeira evidência guiando os aprofundamentos consecutivos.

Consideradas as evidências anteriores também sobre o vivido real, isto é, novamente, sobre aquilo que o compõe realmente, parte-se para o que Husserl chamou de modo *intuitivo*,

que seria em suas palavras “um modo de viver o sentido no qual o “objeto visado como tal” é trazido intuitivamente à consciência” (2006, p. 304). As possibilidades que se mostram neste tipo de análise, assim como a condução da entrevista de modo geral, nascem, portanto, de uma intuição⁵ acerca do objeto da investigação que se faz, para que se obtenha através de uma motivação racional, uma apreensão intuitiva da essência, uma clareza de visão, isto é, a *evidência* – Husserl dirá que a posição racional já possui ‘em si’ o caráter de posição “que vê com clareza” (2006, p.305). Mantida tal posição, apareceu uma questão que trouxe consigo uma urgência pela compreensão de conceitos fundamentais: *Em que medida e como as entrevistas poderiam colocar o pesquisador em acesso direto à experiência buscada?* Neste ponto considerou-se conceitualmente que o acesso direto à experiência só é possível com certos limites, sabe-se tratar de um acesso não originário, um acesso que se preenche pela intuição por via da mediação enunciativa das evidências que conduzem à evidência imediata, ou seja, a experiência não é apreendida em sua posicionalidade originária, é apreendida de modo parcialmente situado e, finalmente, é reduzida à manifestação do fenômeno que se visa, redução esta que marca o limite pretendido. É nessa medida que o pesquisador tem acesso à experiência, experiência que é *direta* enquanto fenômeno reduzido à evidência intersubjetivamente apreendida, portanto, apreendido em sua objetividade fenomenológica. Tinha-se claro o objetivo de formular questões que dissessem melhor o que é o horizonte existencial nestes momentos, isto é, que partissem da dimensão existencial enquanto experiência pessoal, historicizada, *subjetivo-relativa*; o fenômeno como a emergência imbricada ocorrida na vida concreta e singular da pessoa. O que se refere à primeira característica da entrevista: dirigir-se à experiência vivida em primeira pessoa pelo entrevistado. Na verdade, desejava-se adaptar as entrevistas de um modo a orientá-las à plenitude de que fala Husserl. Ter essa clareza seria possível para ele se

em qualquer lado lhe estivesse dada a essência desta referência de modo a poder vê-la, a ter diante dos seus próprios olhos a unidade do conhecimento e objeto cognoscitivo, a que alude a palavra ‘apreensibilidade’ (*Triftigkeit*), e teria assim não só um saber acerca da sua possibilidade, mas esta possibilidade no seu claro dar-se (*Gegebenheit*). (Husserl, 2008, p.61)

A concreção do noema para que se tenha efetivo esse *claro dar-se* requer um acréscimo de momentos complementares (Husserl, 2006, p.304) que se apresentam, nesse caso particular das entrevistas, como a análise do mesmo fenômeno – objeto – a partir de diferentes sujeitos. Apesar das diferentes vivências acessadas, permanece a procura pelo mesmo vivido reduzido, evitando-se que o objeto na tese racional seja dado de maneira incompleta, meramente “unilateral” diria Husserl (ibid, p. 316). A essência então se efetua na variação eidética propiciada pelos dados colhidos a partir dos sujeitos distintos, isto é, no chamado *cruzamento intencional* das entrevistas, o que torna apreensível a unidade da qual fala Husserl, ou mesmo, todos os lados alcançáveis dentro das possibilidades do recorte.

Sabe-se também que no caso de uma pesquisa empírica a dimensão da proposta de Husserl precisa ser antecipada por procedimentos adequados e coerentes, já que não se trata de fazer uma fenomenologia pura, o que implica uma *filosofia* pura. Cabe por isso, a pergunta essencial: *o que se busca?* Fazer fenomenologia conforme a proposta husserliana. Nesse sentido permaneceu a busca pela clarificação de toda a possibilidade, sem deixar de reconhecer que é com essa – a possibilidade – que se lida. E a possibilidade que interessa, embora purificada, isto é, tornada objeto da redução fenomenológica, não perde totalmente de vista sua origem concreta, mas a coloca de modo delimitado conforme as condições que definem o objeto. Ou seja, para uma contribuição efetiva às ciências humanas e sociais, dentro do rigor científico que

⁵ Novamente e sinteticamente pode-se dizer que a intuição é tão somente a “consciência de”, o que define a própria consciência justamente caracterizada pela fenomenologia como sendo sempre consciência de alguma coisa.

lhes são inerentes, interessam tratar as possibilidades que inicialmente se encontram articuladas empiricamente a ponto de descrevê-las idealmente.

A partir desses embasamentos analíticos, questionou-se: *Como chegar à orientação ideal? Como chegar ao elemento essencial?* Se a fenomenologia busca a intuição, e esta é, como coloca Ales Bello⁶, um primeiro momento de evidência da essência, só será possível apreendê-la desvelando o fenômeno através, portanto, da *epochè*. Desse modo, a investigação tinha claro o intuito de encontrar o núcleo comum – necessariamente o núcleo intuitivo – a que se destina o método fenomenológico. *Certamente há um núcleo intuitivo, mas ele está revelado? Como chegar do fato à experiência vivida, e desta, chegar à essencialidade?* As questões não se restringiram aos fatos, mas sim, dirigiram-se à experiência vivida – por esse motivo, partiram de um objeto, isto é, de um fenômeno definido na condição de *ob-jectum*, algo posto à frente, algo diante de que está um sujeito. Deste ponto de partida objetivo, visou-se a penetração do objeto pelo envolvimento originário que o perfaz na experiência, o constitui em seu doar-se à consciência, doar-se tal que antecede a própria separação entre sujeito e objeto. Portanto, sair da objetividade de um “fenômeno pronto” foi uma condição para a possibilidade de se cumprir esta investigação. Isso só foi possível com o reconhecimento de que o desenrolar das entrevistas faz a mediação necessária entre o fato e a essência. É a que se propõe e o que norteia a elaboração das perguntas da entrevista: o reconhecimento de elementos essenciais de cada momento de forma a torná-las questões adequadas às essencialidades correspondentes.

Embora as tipicalidades partam de uma descrição essencial, não se pode presumir muito apressadamente como satisfatório uma essência única para o fenômeno – objeto – a que se orientava a pesquisa – o *objeto total* da mesma⁷. Isto porque o objeto articulou o fenômeno em questão, correlacionado à perspectiva da condição de quem o visa, eventualmente em diferentes momentos de vida: essa condição empírica implica diferentes elementos essenciais colocados juntos. Tais elementos colocados juntos, implicados, embora sejam essenciais, isto é, cada um, separadamente, constitua uma essência correlativa – conhecimentos eidéticos –, faz com que o objeto presente nos solicite que os resultados venham a ser tratados, de forma mais precisa, como condições típicas, novamente, portanto, tipicalidades. O que, novamente, pode ser reconhecido, são as conexões típicas que vão conter, elas sim, aspectos essenciais.

Feitas as considerações sobre o método, atentou-se à temporalidade relativa à ruptura do projeto de vida causada pela ocorrência da lesão que envolvia os atletas encontrados ao iniciar o tratamento e ao finalizá-lo. Partindo dessa análise foi possível chegar à seguinte formulação para a primeira pergunta: *Como se deu o seu envolvimento com o esporte ao longo de sua vida?* O intuito é retomar a trajetória do atleta até o dado momento e resgatar o envolvimento com o esporte que foi se cristalizando no decorrer do tempo, na tentativa de aproximá-lo de sua história e voltando sua atenção para si mesmo.

A segunda questão entra de forma mais direta no momento visado pelo estudo: *Como você viveu essa experiência que te fez interromper a prática competitiva e vir se tratar?* Evita-se falar de *lesão* para não haver um direcionamento da resposta para as qualidades mais objetivas deste momento, como a própria lesão – em termos fisiológicos – e o tratamento fisioterápico propriamente.

A terceira questão trazia uma mudança que considerava a proximidade do momento em que há o afastar-se da prática e a proximidade do retorno às atividades, respectivamente início e fim do

⁶ Conforme desenvolvido pela professora na disciplina “*A Estrutura da Pessoa Humana*”, oferecida pela Pós-graduação de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, em setembro de 2009. Transcrição em vias de publicação.

⁷ Para um esclarecimento do *objeto total* como apreensão de uma *essência fundada*, baseada num conjunto de teses que são apreendidas numa síntese, reenvia-se aos §§ 119 e 120 de *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (Husserl, 2006).

tratamento e suas implicações, o que fez com que as questões se articulassem da seguinte maneira: *Como você está vivendo este início de tratamento? E: Como você viveu esse período em que esteve afastado da prática competitiva?* Estas perguntas voltavam a atenção do atleta diretamente para o período vivido durante o tratamento, seja ele presente ou retrospectivo, a fim de acessar aquilo que está mais originariamente conexo à vivência de dor.

Por fim, a quarta questão se referiu ao projeto de vida, agora partindo da experiência vivida: *Quais as suas expectativas a partir dessa experiência?* Mantêm-se o fundamento de alcançar as três dimensões temporais do horizonte do atleta – passado, presente e futuro –, utilizado desde as primeiras entrevistas por abarcar momentos essenciais relativos ao objeto em sua composição eidética.

AS PARTICULARIDADES EVIDENCIADAS DURANTE AS REFLEXÕES

A fim de fomentar reflexões para o estudo das entrevistas de cunho fenomenológico, AmatuZZi contribui, através da leitura de Merleau-Ponty, trazendo indiretamente uma ressonância com a fenomenologia de Husserl, reconhecida a possibilidade de traçar paralelos⁸ que indicam intenções essencialmente equivalentes. De forma sintética, duas contribuições principais emergiram da leitura. A primeira se direciona ao modo de conceber a entrevista, à abertura para compreensão da *fala autêntica* e *fala segunda*, e é nesse ponto que surge a segunda contribuição, na possibilidade de formar um paralelo direto com a fenomenologia clássica de Husserl. Seria no modo de compreender esses dois tipos de linguagem tratadas por Merleau-Ponty, aproximar por um lado a *orientação natural*, que “*não consiste num ato específico próprio, num juízo articulado sobre a existência*” (Husserl, 2006, p. 78), daquela “*linguagem ordinária, corriqueira, pela qual designamos objetos e interagimos no cotidiano*” (AmatuZZi, 2008, p.34), ou seja, da *fala derivada*. Por outro lado, pode-se claramente aproximar a *fala originária*, que traduz um movimento existencial (ibid, p. 27) em direção ao esclarecimento do fenômeno conforme sua vivência, à passagem para a *orientação fenomenológica*. Em ambos os casos, trata-se – e esta parece ser a ligação mais evidente – do que pode ser chamado de arqueologia fenomenológica. A busca de ambos foi pela essência, ou pelo sentido, como AmatuZZi coloca. O conceito de *fala derivada* aparece próximo às palavras de Husserl sobre essa posição racional particular:

Para que isso fique bem entendido, é preciso notar, porém, que somente a evidência originária é fonte “original” de legitimidade e, por exemplo, a posição racional da recordação e todos os atos reprodutivos (...) não são originais, mas ‘derivados’ de certas maneiras. (2006, p.315)

É importante notar que tal paralelo se encerra num modo de o entrevistador/pesquisador agir ativamente durante as entrevistas, buscando aprofundar os relatos. Isto seria, em outras palavras, ir ao encontro da *fala autêntica*. O momento de realização das entrevistas torna difícil uma “saída ideal plena” (parentização) da condição de existência, já que o entrevistador tomará a apreensão situada do outro para orientar-se à intersubjetividade. Porém, essa saída ideal plena, fruto do trabalho solitário de redução, se mostra tão válida quanto a intuição de essência ocasionada na intersubjetividade. Isso torna possível afirmar que a entrevista permite esse acesso à essência durante sua condução, mas ainda exige o trabalho posterior de tornar isso explícito na análise e cruzamento intencional. Quer dizer que o movimento se constitui em suas configurações de apreensões possíveis e nesse sentido, Husserl revela uma essência de toda

⁸ Paralelo restrito aos conceitos, considerando que a fenomenologia referida pelo autor não se equivale à fenomenologia de Husserl, mas como citado, àquela segundo propôs Merleau-Ponty, o que implica diferenças fundamentais e significativas que não devem ser desprezadas.

*categoria de apreensão*⁹ que se abre às suas referidas possibilidades ao afirmar, por exemplo, que

está por essência prescrito para cada apreensão incompleta como ela pode se tornar perfeita, como seu sentido pode ser completado, preenchido por intuição, e como a intuição pode ser mais enriquecida. (Husserl, 2006, p.316)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrevista apresenta em seus momentos componentes uma alternância da evidência à não-evidência, uma *passagem contínua*, adaptando às palavras de Husserl. Aquele caráter posto como derivado refere-se, sendo uma “*evidência*” derivada, “*mediata*”, a fundamentos imediatamente evidentes. Constitui-se, portanto, um passo necessário para que os procedimentos se direcionem a um resultado fenomenologicamente evidente. Dentro da tese de Husserl este esforço se equivale à regra legítima de preenchimento de lados não visíveis da coisa que aparece (2006, p. 317), e é o desafio maior do entrevistador frente à experiência buscada.

O intuito que guiou o desenvolvimento do estudo pretendia oferecer contribuições para condução de entrevistas sem, no entanto, ficar limitado a essa técnica. A abertura de possibilidades para a construção do conhecimento na área de ciências humanas e sociais nasce aqui de uma postura fenomenológica e visa apontar a originalidade de sua proposta em meio a pesquisas qualitativas. Não se trata de lançar suas semelhanças ou diferenças em relação às outras abordagens, mas cuidar de trazer à tona as implicações de seu método quando aplicado de maneira rigorosa a pesquisas consideradas empíricas na área. Sua fundamentação conceitual perpassa, como visto, todos os passos da investigação necessariamente e o rigor é posto como imprescindível nesta tarefa.

BIBLIOGRAFIA

ALES BELLO, A. (2000). *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. (A. Angonese, Trad.). Bauru: Edusc. (Publicação original em 1992).

AMATUZZI, M. M. *Por uma Psicologia Humana*. Campinas, SP: Alínea, 2001. 137 p.

HUSSERL, E. *A Idéia da fenomenologia*. (A. Mourão, trad.). Lisboa: Edições 70, 2008.

_____, E. (2006) *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. (M. Suzuki, Trad.). Aparecida, SP: Idéias e Letras (Original em alemão publicado em 1913).

OTTONI, G. P., RANIERI, L. P., BARREIRA, C. R. A. O posicionamento existencial frente à dor: uma aproximação fenomenológica às experiências de atletas lesionados em tratamento. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 2, n. 2, pp. 1-32, 2008.

⁹ Para o tratamento pormenorizado das proposições relativas citadas brevemente, reenvia-se ao desenvolvimento realizado a partir do § 149 da obra referência (p.317)

Giovanna Pereira Ottoni
Cristiano R. A. Barreira

E-mail: giovanna.ottoni@usp.br
E-mail: crisroba@gmail.com